

8947

Projeto melhora qualidade de vida

CLARICE NAVARRO DIÓRIO
 Da Sucursal de Cáceres

Um projeto inovador, desenvolvido com o apoio da Prefeitura de Comodoro, tem conseguido melhorar a qualidade de vida dos índios Nambiquara. O projeto, de apicultura, está sendo desenvolvido na aldeia Aroeira, onde vivem 175 índios. Coordenado pela Funai através do Posto Indígena daquela aldeia, a criação de abelhas para a retirada do mel se destina primeiramente ao consumo próprio, e depois à comercialização. São duas retiradas de mel por ano, sendo que a última delas foi de 50 litros do produto.

O apiário de abelhas Europa produz mel puro, de primeira qualidade, e é manejado pelos próprios índios, com supervisão da Funai. Outros projetos são desenvolvidos na aldeia, como a piscicultura e a agricultura básica, para o sustento da tribo. Com a piscicultura, os índios já se alimentam de tilápias e tambaquis. Juscelino Oliveira Filho, chefe da Funai em Vilhena/Rondônia, afirma que o projeto tem como meta melhorar a qualidade de vida dos índios, e servirá como modelo para outras aldeias espalhadas em Rondônia e Mato Grosso. "Já que o contato com o branco é inevitável, nossa luta é para que esse contato seja cada vez mais positivo e benéfico, esta é a nossa função".

São 1280 índios distribuídos nas reservas de Xupinguaia-RO, Pirineus, Vale do Guaporé e Nhamiquara, no Mato Grosso. São índios da etnia Nambiquara, divididos em vários sub-grupos, todos sob a jurisdição do Núcleo de Apoio da Funai em Vilhena.

A aldeia Aroeira criou uma associação para organizar projetos e obter recursos financeiros que estão chegando através do programa Padic, do Banco Mundial. Outras aldeias estão seguindo o exemplo e criando suas associações. O índio Balotessu, chamado entre os brancos de Orivaldo



Os índios, agora, querem um encontro com os consultores do Padic

Nambiquara, vive numa aldeia a 30 km de Comodoro. Ele afirma que os índios não querem mais plantar mandioca. "Queremos desenvolver outras culturas, e precisamos de apoio".

Presidente da associação indígena de sua aldeia, a Nhamiquara, ele citou um exemplo de como o contato com o branco pode ser nocivo - um índio que saiu daquela aldeia para estudar na Holanda acabou, na volta, se envolvendo com bebida e com a retirada ilegal de madeira nobre das reservas. "Temos vergonha de falar".

Orivaldo defende a preservação da cultura de seu povo através dos costumes básicos e tradicionais, como o contato com a natureza e a continuidade das atividades tribais,

entre elas os cultos e os rituais, mas acredita que seu povo pode - e deve - viver melhor usufruindo da tecnologia dos brancos, especialmente a empregada na agricultura. "Temos 1 milhão e 938 mil hectares de reserva que deve ser preservada. E através da terra temos que tirar nosso sustento. A apicultura e a piscicultura são dois bons exemplos do que pode ser feito" - afirmou o líder indígena.

Para Juscelino Oliveira Filho, o primeiro passo para o sucesso dos projetos a serem implantados nas aldeias, é o

resgate das condições de trabalho do núcleo da Funai de Vilhena, que perdeu sua autonomia financeira. "Com o compromisso da atual administração regional da Funai, sediada em Cuiabá, acreditamos que o problema será resolvido, já que Edevar Sardinha, o administrador regional, emprega uma filosofia de trabalho voltada às comunidades". Juscelino lembra que os projetos não podem ser impostos às aldeias, e sim despertar interesse nos índios. Os da aldeia Aroeira, lembra ele, são projetos auto-sus-

tentáveis e de baixo impacto ambiental. "Os índios querem um encontro com consultores do Padic para definir os projetos e conhecer os benefícios que podem ter". Segundo o chefe da Funai de Vilhena, o que falta é boa vontade dos brancos em ajudar de forma concreta. "É preciso esclarecer que os índios não são preguiçosos, como se propaga, mas formam uma comunidade à parte, que nasceu e cresceu livre. Temos que cuidar da questão indígena respeitando a cultura desse povo".